

# Análise da abordagem da variação na colocação pronominal em videoaulas do *YouTube*

## Marcia Lopes Dutra

Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa  
Universidade Federal do Pampa


E-mail: [marcialopesdutrapedro@hotmail.com](mailto:marcialopesdutrapedro@hotmail.com)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1743-5118>

## Táise Simoni

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Professora Associada na Universidade Federal do Pampa

E-mail: [taisesimoni@unipampa.edu.br](mailto:taisesimoni@unipampa.edu.br)

 ORCID: 0000-0002-9778-7393

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Chamada Temática

**Volume 5**

**Número 2**

**Recebido em:** 04/03/2020

**Aprovado em:** 30/06/2020

## Resumo

O presente trabalho, fundamentado na sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]), tem por objetivo analisar como é abordada a variação da colocação pronominal em videoaulas do YouTube. Foram analisadas 40 videoaulas. Os resultados apontam que predominam as videoaulas que não fazem distinção entre a fala e a escrita e não fazem menção a diferentes níveis de monitoração. Além disso, como normas implícitas, há um equilíbrio entre norma padrão e norma curta (FARACO, 2008). No que diz respeito a uma comparação entre as videoaulas mais e menos visualizadas, elas se diferenciam quanto à distinção entre a fala e a escrita (enquanto entre aquelas há um predomínio de videoaulas que não fazem tal distinção, entre estas há um equilíbrio entre as videoaulas que fazem e as que não fazem a distinção entre fala e escrita) e às normas implícitas (entre aquelas, prevalece a norma curta; entre estas, a norma padrão predomina).

## Palavras-chave:

Variação linguística, sociolinguística laboviana, colocação pronominal, *YouTube*.

## 1 Considerações preliminares

O presente estudo, fundamentado teoricamente na sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]), aborda a variação na colocação pronominal e suas implicações para o ensino de língua portuguesa<sup>1</sup>. Segundo Mollica (2008, p.9), a sociolinguística “é uma subárea da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Tendo em vista a importância da variação linguística na educação, o tema a ser analisado será a colocação pronominal em videoaulas disponibilizadas na plataforma *YouTube*.

O objetivo do trabalho em questão, portanto, é analisar como é apresentada a variação da colocação pronominal nos meios midiáticos, especificamente em videoaulas disponíveis no *YouTube*. Trata-se de vídeos produzidos por professores de língua portuguesa, destinados aos alunos que buscam compreender e relembrar os conteúdos já trabalhados em sala de aula e aos professores, que podem utilizar tais vídeos como recurso no processo de ensino-aprendizagem.

Os objetivos específicos deste trabalho são examinar se as videoaulas abordam a colocação pronominal fazendo uma diferença entre a fala e a escrita; observar se o material analisado leva em consideração os diferentes níveis de monitoração estilística; verificar os conceitos de norma que estão implícitos nas videoaulas; e analisar se existe diferença entre as videoaulas mais visualizadas e as menos visualizadas.

No âmbito do projeto “Variação linguística: descrição, ensino e formação de professores”, desenvolvido na Universidade Federal do Pampa, Lopes *et al.* (2018) realizaram uma pesquisa sobre colocação pronominal em livros didáticos, utilizados em escolas públicas de Bagé (RS). O resultado encontrado mostra o predomínio da abordagem “sociolinguística inovadora”<sup>2</sup> nos livros analisados. Tal abordagem, segundo Vieira (2009), apresenta um maior número de possibilidades no uso da colocação pronominal. Isso nos mostra aspectos positivos para o avanço dos estudos da variação linguística, sendo assim, consideramos necessário observar, para além dos livros didáticos, as videoaulas, as quais são de fácil acesso e têm ampla divulgação. Estas videoaulas podem ser reproduzidas inclusive em sala de aula, justificando deste modo a pesquisa que realizamos sobre como é abordada a questão da colocação pronominal nestes meios midiáticos.

O presente trabalho se organiza em cinco seções. Após esta introdução, a segunda seção apresenta a fundamentação teórica do trabalho. Na terceira seção, a

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta e discute os resultados obtidos no Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pela primeira autora, sob orientação da segunda autora.

<sup>2</sup> Este conceito será mais detalhado na seção 2.4.

metodologia é descrita. A quarta seção dedica-se à apresentação e discussão dos resultados. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

## 2 Fundamentação teórica

Esta seção, que se dedica a apresentar a fundamentação teórica do trabalho, está organizada da seguinte forma: a primeira subseção abordará a importância da sociolinguística laboviana na educação; a segunda subseção discutirá os conceitos de normas; a terceira subseção mostrará os três contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2009) e a proposta de contínuo da fala para a escrita de Marcuschi (2010); e a quarta e última subseção mostrará a colocação pronominal e a sua relação com o ensino.

### 2.1 A sociolinguística laboviana e sua importância na educação

Segundo Monteiro (2000), William Labov, durante seus estudos na universidade, se propôs a desenvolver uma pesquisa que investigasse a língua inglesa, vindo, mais tarde, a defender sua dissertação, a qual é conhecida mundialmente nos dias de hoje. Tratava-se de “analisar um fenômeno de mudança fonética a partir dos dados da fala dos habitantes da ilha de Martha’s Vineyard” (MONTEIRO, 2000, p.11), dando início a uma vasta gama de pesquisas realizadas em diversos países, inclusive no Brasil. Estas pesquisas são da área da sociolinguística, que, segundo Monteiro (2000), estuda a linguagem e a sociedade, ou seja, a inter-relação que existe entre ambas, sendo Labov o fundador da sociolinguística variacionista.

É inegável a constatação de que a língua não é uniforme e homogênea, motivo este que nos leva a compreendermos a importância da sociolinguística, que “analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura da língua e seu funcionamento” (MONTEIRO 2000, p.28). Ainda segundo o autor,

A sociolinguística tem sido uma área de ampla investigação nos últimos anos, com resultados que se refletem não apenas nas descrições das línguas enquanto sistemas, mas também em decisões políticas e educacionais exigidas pelas inúmeras questões, que a diversidade linguística vem suscitando no mundo moderno. Tais questões, como, por exemplo, a do fracasso escolar devido às dificuldades surgidas pelo pluridialealismo, adquirem no Brasil um significado especial, face à situação em que se encontra o ensino das camadas mais baixas da população. E, por outro lado, o desconhecimento de nossa realidade linguística tem exigido cada vez mais a realização de pesquisas empíricas, no sentido de se definir o que de fato constitui o chamado português do Brasil (MONTEIRO, 2000, p.9).

Segundo Mollica (2008, p.9), a “Sociolinguística é uma ciência que se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de

caráter heterogêneo”. A partir daí, compreendemos a importância do estudo da variação linguística. Como nos mostra Faraco (2019, p.35), “uma língua é, na verdade, uma construção imaginária em que se mesclam fatos linguísticos com fatores históricos, políticos, sociais e culturais”.

O estudo da variação linguística tem um importante papel a desempenhar na comunidade escolar. Entretanto, infelizmente, segundo o que nos diz Monteiro (2000, p.145), “a escola tem sido um dos principais agentes no sentido de não respeitar a variação linguística de cada indivíduo”, sendo assim, deixa arraigados os conceitos de “certo” e “errado”.

Nesse contexto, a sociolinguística deve relacionar-se intimamente com o ensino, pois é preciso levar em conta o contexto histórico em que nossa língua foi constituída, sendo fundada e edificada na cultura do erro. Assim, compreendemos a importância da sociolinguística aplicada à educação. Como menciona Cyranka (2016),

a sociolinguística aplicada à educação se concentra no estudo das questões ligadas à variação e à mudança linguística, que repercutem no processo escolar de ampliação da competência comunicativa dos alunos. A escola e o ensino de línguas são, portanto, o alvo dessa vertente da Sociolinguística (CYRANKA, 2016, p.167).

Podemos dizer que o ensino é falho nos aspectos que se referem à historicidade da língua, pois o aluno não compreende por que vai à escola para aprender o seu próprio idioma, criando um mito de que não o domina. O estudo deveria ser pautado na compreensão de o porquê e para quê as aulas de português são ministradas. Segundo Cyranka (2016),

a sociedade brasileira, não sendo homogênea na sua constituição, não pode pretender que a língua nacional o seja. A crença teimosa de que o português “correto” é o que está descrito, e parcialmente descrito, nas nossas gramáticas normativas constitui um equívoco grave e extremamente nocivo ao trabalho escolar de desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Isso porque, sejam eles falantes de uma variedade desprestigiada ou não, veem-se pressionados pelas escolas – infelizmente, ainda a imensa maioria delas – a “corrigir” seu modo de falar, porque não coincide com o que está determinado naquelas gramáticas (CYRANKA, 2016, p.168).

Faz-se necessário o aluno perceber que há variedades linguísticas prestigiadas e desprestigiadas e que tal avaliação se dá por fatores sociais, econômicos e culturais. Sabemos que o acesso aos bens culturais é desproporcional, portanto as aulas, não somente as de língua portuguesa, mas as demais também são necessárias para ampliação das competências dos alunos e seu desenvolvimento no âmbito escolar.

Segundo Cyranka (2016, p.170), “a Sociolinguística Educacional tem como pressuposto o princípio segundo o qual a variação linguística é um fenômeno

natural, portanto, inelutável”, ou seja, a variação acontece naturalmente mesmo que conservadores, puristas, gramatiqueros lutem contra isso, pois se trata de fenômenos naturais da língua.

## 2.2 Explanando sobre os conceitos de norma

Faraco (2008, p.30) nos diz que “o conceito de norma, nos estudos linguísticos, surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua”. Por este motivo, mostraremos o que diz o autor sobre o que é norma padrão, norma curta e norma culta<sup>3</sup>.

Como nos mostra Faraco (2008), na segunda metade do século XIX, com a independência cultural e com o ideário dos artistas no período do romantismo, houve um embate no que se refere ao português brasileiro (PB) e ao português europeu (PE), pois escritores brasileiros queriam “abrasileirar” a língua, como defendia, por exemplo, José de Alencar. Em contrapartida os europeus, os quais recebiam ajuda financeira de Dom Pedro II para permanecer no Brasil, uniram-se às elites brasileiras as quais censuravam a língua portuguesa falada aqui, rotulando-a como “errada”, criticando assim os escritores brasileiros, como não sabendo escrever o português.

Repercute desde então a cultura do erro, sendo instituída neste momento a norma padrão no Brasil, calcada em modelos do PE. Sabe-se que, com relação à colocação pronominal, a norma praticada pelos falantes brasileiros é a próclise, e a norma predicada, a ênclise, a qual predomina no português de Portugal, como menciona Faraco (2008):

Enquanto o português do Brasil manteve a colocação comum nos séculos XV e XVI, com a predominância da próclise – e isso em razão de termos mantido o vocalismo típico daquele período – o português europeu derivou para a ênclise como a colocação predominante em razão das profundas alterações do vocalismo que ocorreram em Portugal a partir de meados do século XVII (FARACO, 2008, p.22).

Ou seja, no século XVI, os portugueses vieram para o Brasil e faziam o uso predominante da próclise; somente a partir do século XVII houve uma mudança no português de Portugal para ênclise. Isso nos leva a observar as causas do embate no século XIX, pois os escritores do romantismo queriam escrever de acordo com a norma culta falada no Brasil, causando polêmica em específico na colocação pronominal, porque o português de Portugal tinha passado pela mudança de

---

<sup>3</sup> Faraco (2008) discute, também, o conceito de norma gramatical. Segundo o autor, tal norma é caracterizada pelo “conjunto de fenômenos apresentados como cultos/comuns/ *standard*” pelos gramáticos que buscam romper com a “rigidez da tradição excessivamente conservadora” (FARACO, 2008, p.81). Por uma opção metodológica, restringimos nossa análise à observação da presença das normas culta, curta e padrão nas videoaulas que constituem o *corpus* da pesquisa.

próclise para ênclise, o que não ocorreu no PB<sup>4</sup>. Em resumo, de acordo com Faraco (2008), a norma padrão foi instituída do século XIX com base no modelo europeu e não correspondia, por conseguinte, à norma culta brasileira.

Já a norma curta instituiu a cultura do “certo” e “errado”, nascendo a partir da norma padrão. Faraco (2008, p.92) menciona a existência de “consultórios gramaticais da mídia, jornais, cursinhos pré-vestibulares, elaboradores de questões de concursos públicos” que são meios de perpetuar a existência da norma curta. Norma aqui equivale a uma regra a ser seguida, sendo ela inflexível. Faraco (2008, p.92) nos diz que norma curta “não passa de uma sùmula grosseira e rasteira de preceitos normativos saídos, em geral, do purismo exacerbado que, infelizmente, se alastrou entre nós desde o século XIX. A norma curta é a miséria da gramática”.

Já em relação à norma culta, segundo Faraco (2008), podemos dizer que é utilizada por pessoas com nível superior de escolaridade, as quais têm mais acesso aos bens culturais. Quanto ao seu uso no contexto de fala e escrita, ocorrerá com maior monitoração. Quando falamos em norma aqui é no sentido do que é normal, mais frequente, levando em consideração a variedade culta.

### 2.3 Os contínuos de Bortoni-Ricardo (2009) e a proposta de contínuo da fala para a escrita de Marcuschi (2010)

Nesta seção, discorreremos sobre os três contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2009), os quais nos mostram as linhas imaginárias que a autora chama de “contínuo de urbanização”, “contínuo de oralidade-letramento” e “contínuo de monitoração estilística”. Os contínuos são importantes para a compreensão da variação linguística, por este motivo discorreremos sobre todos eles, porém o mais pertinente para o presente trabalho é o contínuo de monitoração estilística, porque foi através dele que observamos se as videoaulas analisadas levavam em consideração a monitoração estilística para a caracterização da colocação pronominal. Não estamos, com isso, negando que um fenômeno variável é caracterizado por sua localização nos três contínuos em conjunto. Operamos com um recorte analítico a fim de observar se a monitoração estilística é levada em consideração nas videoaulas analisadas.

Para discorrer sobre o contínuo de urbanização, imagina-se uma linha com dois polos, a qual será representada logo abaixo na Figura 1.

**Figura 1** – Contínuo de urbanização

-----  
 Variedades rurais isoladas      Áreas rurbanas      Variedades urbanas padronizadas

**Fonte:** Adaptado de Bortoni-Ricardo (2009, p.52)

<sup>4</sup> Para um aprofundamento da discussão sobre a colocação pronominal em PE e PB a partir de uma perspectiva diacrônica, sugerimos a leitura de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Carneiro e Galves (2010).

No polo situado à esquerda, encontram-se as variedades rurais mais isoladas utilizadas pelas comunidades que, segundo Bortoni-Ricardo (2009, p.52), são de difícil acesso geográfico. Enquanto no polo oposto, variedades urbanas padronizadas recebem grande influência da mídia. De acordo com Bortoni-Ricardo (2009, p.52), “os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleo semirurais, que estão submetidas à influência urbana”. Como Bortoni-Ricardo (2009, p.53) afirma, “não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos”.

No que se refere ao contínuo de oralidade-letramento, segundo Bortoni-Ricardo (2009, p.62), no polo à esquerda se encontram eventos de oralidade, e no polo à direita, eventos de letramento. De acordo com Bortoni-Ricardo (2009, p.62), nos eventos de letramento, “os interagentes se apoiam em um texto escrito, que funciona como uma pauta de uma partitura musical. Esse texto pode estar presente no ambiente da interação ou pode ser estudado ou lido previamente”. Imaginaremos uma linha para melhor compreensão, conforme mostra a Figura 2.

**Figura 2** – Contínuo de oralidade-letramento

Evento de oralidade -----Eventos de letramento

**Fonte:** Adaptado de Bortoni-Ricardo (2009, p.62)

No que se refere ao contínuo de monitoração estilística, que é o mais relevante para a realização deste trabalho, observamos que Bortoni-Ricardo (2009) menciona que os falantes alternam os estilos de monitoração conforme os contextos de fala. Leva-se assim em conta o ambiente em que se encontram os interlocutores envolvidos no contexto de fala e o tópico da conversa entre os falantes<sup>5</sup>. Bortoni-Ricardo (2009, p.62) nos diz que “neste contínuo, vamos situar desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante”, como mostra a Figura 3.

**Figura 3** – Contínuo de monitoração estilística

- Monitoração ----- + Monitoração

**Fonte:** Adaptado de Bortoni-Ricardo (2009, p.62)

Segundo a autora, não existem delimitações estabelecidas e fixas entre os contínuos, tratando-se apenas de uma linha imaginária para que possamos compreender e situar qualquer evento comunicativo nos três contínuos. Podemos

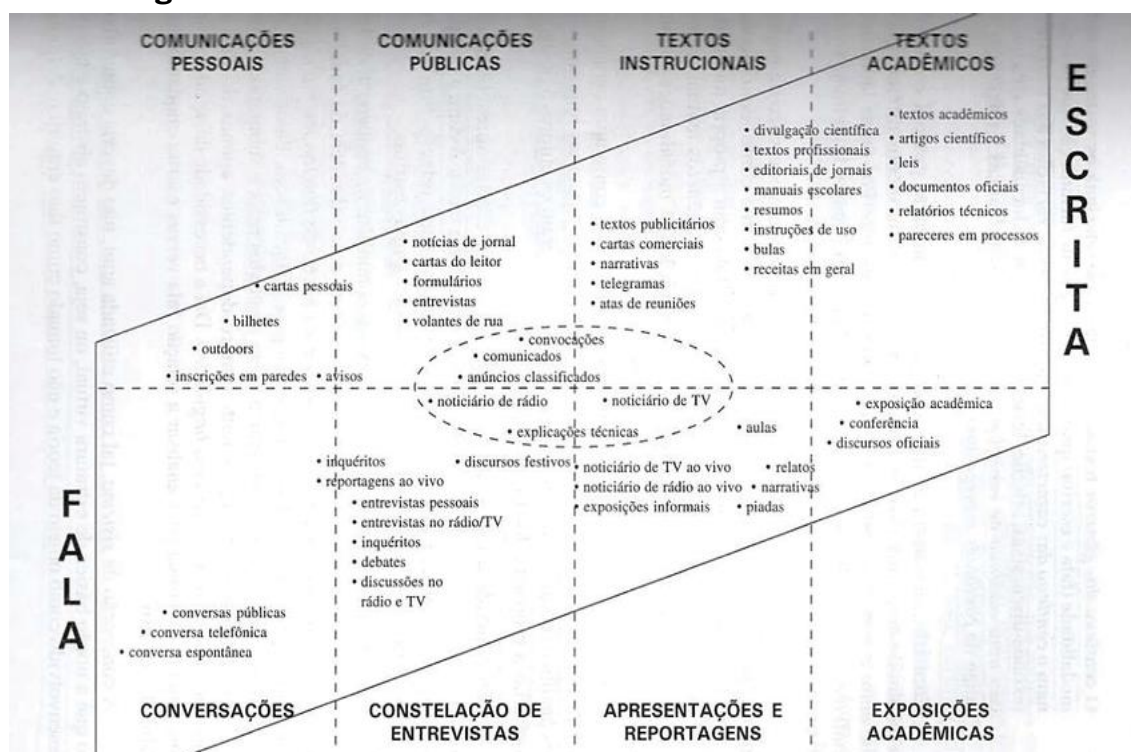
<sup>5</sup> É possível perceber em Bortoni-Ricardo (2009) uma concepção de estilo como algo atrelado à atenção prestada à fala, o que estaria em consonância com o que Eckert (2005) denomina como a primeira onda dos estudos sociolinguísticos. Para um panorama das diferentes concepções de estilo no interior de uma abordagem sociolinguística, sugerimos a leitura de Rickford e Eckert (2002).

observar a importância dos três contínuos que a autora propõe para assim entender a variação linguística, porém a autora mostra estes aspectos somente na fala, não sendo seu objeto de análise a escrita. Por este motivo, mencionamos aqui Marcuschi (2010, p.37), segundo o qual “oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas”.

Vê-se a importância de se refletir sobre a fala e a escrita, pois, segundo Bagno (2010, p.180), “a supervalorização da escrita e a desvalorização da fala fizeram surgir, no ensino, algumas noções completamente equivocadas acerca da relação entre as duas modalidades de uso da língua”, dando-se a entender que o “correto” na língua portuguesa está na escrita, enquanto a fala é carregada de “erros”.

Segundo Bagno (2010, p.84), tanto a oralidade quanto a escrita são heterogêneas. Em ambas as modalidades é possível encontrar gêneros textuais espontâneos e gêneros textuais monitorados. Marcuschi (2010) traz uma representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita, como é possível observar na Figura 4.

**Figura 4** – Diferentes níveis de formalidade na fala e na escrita



**Fonte:** Marcuschi (2010, p.41)

Na Figura 4, é possível observar o contínuo da fala para a escrita. Segundo Marcuschi (2010, p.37), “a hipótese defendida supõe que: as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”. Fala e escrita, portanto, sofrem variação, partindo do menos formal ao mais formal.

Vê-se, assim, que Bortoni-Ricardo (2009), a qual analisa apenas a variação presente na fala, e Marcuschi (2010), que mostra a variação presente na fala e na escrita, se complementam em suas propostas.

## 2.4 Colocação pronominal

A colocação pronominal é um fenômeno amplamente discutido na literatura (cf., por exemplo, GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES; MORAES; RIBEIRO, 2005; CARNEIRO; GALVES, 2010; NUNES; VIEIRA, 2013; NUNES, 2015; MARTINS, 2016). Vieira (2003), a partir de uma abordagem sociolinguística variacionista, analisa a colocação pronominal em PB e PE<sup>6</sup>. Veremos a seguir, primeiramente, os resultados apresentados pela autora na oralidade quanto às lexias verbais simples<sup>7</sup>. O objetivo é mostrar quais são as variantes mais utilizadas no PB e no PE.

De acordo com Vieira (2003), podemos observar que no PB o uso da próclise na oralidade (89%) é maior quando o comparamos ao PE (53%). Quanto ao uso da ênclise, esta é menos frequente no PB, atingindo 11% na oralidade, enquanto no PE a frequência é de 47%<sup>8</sup>. Já quando observamos a utilização da mesóclise, concluímos que seu uso é nulo em ambas as variedades, ou seja, a mesóclise não é utilizada na modalidade oral no PB e no PE.

No que se refere à modalidade escrita, como mostra Vieira (2003), o uso da próclise no PB e no PE é praticamente igual (54% e 55%, respectivamente). A semelhança também ocorre na ênclise (46% e 44%, respectivamente). Apenas no que se refere à mesóclise é mostrada uma pequena diferença: há uma frequência muito baixa no PE (apenas 2%), enquanto no PB permanece nula a frequência da mesóclise.

Portanto, ao fazermos uma comparação entre as modalidades oral e escrita, é possível perceber que, na oralidade, há uma clara preferência no PB pela próclise, o que não se verifica no PE. Tal diferença se “neutraliza” na escrita. Segundo Vieira (2003, p. 42-43), essa semelhança verificada na modalidade escrita “confirma a

<sup>6</sup> Embora Vieira (2003) também discuta a colocação pronominal na variedade moçambicana, neste trabalho abordaremos somente as variedades do PB e do PE.

<sup>7</sup> A autora também analisa as lexias verbais complexas, mas nesta pesquisa iremos mostrar apenas os resultados referentes às lexias verbais simples. Para extrair os dados orais do PE, Vieira (2003) utilizou o Corpus de Referência do Português Contemporâneo (PRPC); para os dados orais do PB, utilizou como fonte o Projeto Norma Urbana Culta Carioca (NURC), o Programa para estudos do uso da língua (PEUL) e o Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Para a modalidade escrita, cujos resultados serão apresentados adiante, utilizaram-se textos extraídos de revistas e jornais.

<sup>8</sup> Como esclarece Vieira (2003, p.43), “embora haja, no conjunto dos dados de lexias verbais simples do PE, uma distribuição equilibrada dos dados pelas variantes pré-verbal e pós-verbal, os resultados das variáveis condicionadoras revelam que tal distribuição se justifica, sobretudo, pela produtividade de contextos de subordinação, nos quais atuam os chamados elementos ‘atratores’. Das 729 ocorrências do ‘corpus’ europeu, em apenas 261 dados não se registrou um possível ‘atrator’. Excetuando-se tais contextos, realiza-se a variante mais comum: a pós-verbal”.

força niveladora da modalidade escrita, que regula o comportamento dos usuários de uma determinada língua”.

De acordo com Vieira (2009, p.121), “no que se refere à caracterização sociolingüística, a ordem dos pronomes átonos foi e é ainda hoje utilizada como um fator indicador das divergências entre o português do Brasil e o português europeu”. Como foi possível observar, tais divergências, que são bastante nítidas na fala, parecem se atenuar na escrita.

Discorreremos agora sobre o ensino da colocação pronominal segundo Vieira (2009), que distingue três abordagens, sendo elas a abordagem “tradicional-normativa”, a “progressista” e a “sociolinguística inovadora”. Abordaremos aqui cada uma, para uma melhor compreensão de tais abordagens.

Segundo a autora, para a abordagem “tradicional-normativa”, a ênclise é a regra geral. De acordo com esta abordagem, na modalidade oral e escrita, realiza-se a próclise apenas em contextos em que apareçam os ditos “atratores” (seriam eles orações negativas, exclamativas, interrogativas, subordinadas, alguns advérbios, pronome indefinido e numeral), e a mesóclise ocorre com o verbo no futuro do presente e do pretérito.

Já a abordagem “progressista” privilegia, segundo Vieira (2009), o uso mais genuíno e original do PB. Segundo esta abordagem, o uso da ênclise deve ser evitado ao contrário da utilização da próclise, a qual poderá ser utilizada sem restrição, ou seja, o uso da próclise pode ser praticado tanto na fala quanto na escrita como forma de evitar, como diz Vieira (2009), o que a autora chama de “pressão normativa”.

Para a abordagem “sociolinguística inovadora”, segundo Vieira (2009), o uso preferencial do falante do PB é a próclise, levando em consideração o uso da ênclise em determinados contextos mais formais na escrita. A autora menciona a importância de o aluno conhecer a colocação pronominal, até mesmo as que são raríssimas na escrita, como, por exemplo, a mesóclise, que, mesmo não sendo usada, é importante em nível de conhecimento.

Vieira (2009) nos explica as três abordagens da colocação pronominal, porém, para o ensino em sala de aula, a autora sugere a utilização da abordagem “sociolinguística inovadora” como a mais adequada, uma vez que ela leva em consideração um maior número de possibilidades: a próclise é a mais usada na fala no PB, a ênclise pode estar presente na escrita mais monitorada, e a mesóclise deve ser apresentada em nível de conhecimento para o aluno, que, assim, poderá compreender a estrutura verbal que porventura a contenha.

O estudo de Vieira (2003) nos mostra um importante levantamento sobre a colocação pronominal no PB. Já através da classificação que Vieira (2009) realiza, é possível compreender e refletir sobre o ensino da colocação pronominal dentro da sala de aula, utilizando a melhor abordagem para a compreensão do aluno, respeitando sua variedade linguística, pois sabemos que os sujeitos não precisam

de regras para usar a próclise, uma vez que isso faz parte do conhecimento internalizado do falante, cabendo ao professor ser mediador, mostrando-lhe o caminho das demais possibilidades.

A sociolinguística variacionista tem um importante papel no estudo dos fenômenos que ocorrem na língua. Através das pesquisas realizadas nesta área do conhecimento, compreendemos a relação entre língua e sociedade e a importância da presença desta perspectiva teórica fundamentando as ações no contexto escolar.

### 3 Metodologia

A presente pesquisa foi realizada com vídeos publicados na plataforma *YouTube*, um *site* de compartilhamento de vídeos pertencente ao *Google* desde 2006. Levando em consideração que se trata de uma plataforma que permite o fácil acesso a vídeos de diversas naturezas, entre eles aqueles voltados a discussões sobre a língua portuguesa, e que professores e alunos podem visualizá-los, tanto no espaço da sala de aula quanto fora dela, para a realização deste trabalho, observamos as videoaulas presentes no *YouTube* que abordam a colocação pronominal na língua portuguesa.

Passamos agora a descrever os procedimentos adotados para a seleção das videoaulas. No *site YouTube*, ao digitarmos as palavras "videoaulas de colocação pronominal", aparece uma lista em que constam os vídeos sobre colocação pronominal. Foi feito um *print screen* desta lista no dia três de agosto de 2019. Optamos por realizar o *print screen* e, a partir dele, selecionar os vídeos, uma vez que, de um momento a outro, os vídeos e a ordem em que aparecem podem mudar em função dos algoritmos que são aplicados na plataforma.

A partir da lista obtida pelos procedimentos recém descritos, analisamos o que constituiria o *corpus* da pesquisa. Para tal, adotamos os critérios que seguem. Foram incluídos vídeos publicados nos últimos cinco anos. O período contemplado, portanto, foi de 2015 a 2019. Outro critério adotado foi o tempo de duração dos vídeos. Estipulamos um tempo máximo de 30 minutos e um tempo mínimo de 5 minutos. Aulas específicas para concurso público, correção de exercícios, ESA e EsPCEX<sup>9</sup> ou que abordavam o português de Portugal não foram selecionadas para a análise.

A partir dos critérios de inclusão e do critério de exclusão descritos no parágrafo anterior, chegamos a um total de 455 vídeos. Definimos, então, que 40 vídeos seriam analisados. Chegou-se a essa quantidade a partir da sua compatibilidade com o tempo necessário para a realização da pesquisa. Assim, dois novos critérios foram aplicados: a recenticidade e o número de visualizações. Os

---

<sup>9</sup> Respectivamente, "Escola de Sargentos das Armas" e "Escola Preparatória de Cadetes do Exército". Ambas as instituições são vinculadas ao Exército Brasileiro.

vídeos, então, foram divididos entre os 20 mais recentes e mais visualizados e os 20 mais recentes e menos visualizados<sup>10</sup>. Essa divisão foi feita levando em consideração a pesquisa realizada em livros didáticos por González (2015), o qual observa como é trabalhada a variação linguística presente nos livros mais utilizados e nos livros menos utilizados nas escolas:

Os livros mais adotados são os que trabalham a variação linguística de modo estereotipado e anedótico, contribuindo para a manutenção do discurso sobre o certo e o errado em língua. Os livros menos adotados, por sua vez, são os que trabalham com a variação linguística de modo mais amplo e qualificado, não perdendo oportunidade de trabalhar a variação (GONZÁLEZ, 2015, p.226).

Ou seja, os livros mais adotados são os mais conservadores, segundo González (2015), no que se refere à variação linguística, enquanto os livros didáticos menos adotados a abordam de forma contextualizada e flexível. Em nosso trabalho, observamos se o mesmo padrão poderia ser encontrado nas videoaulas mais visualizadas, as quais, por hipótese, mostrariam uma abordagem mais tradicional, enquanto as videoaulas menos visualizadas, por hipótese, mostrariam uma abordagem que levaria em consideração um tratamento mais adequado da variação.

## **4 Análise e discussão dos resultados**

Quanto à análise dos resultados, a partir dos objetivos específicos apresentados na introdução deste trabalho, observamos (i) se as videoaulas faziam uma diferenciação entre fala e escrita; (ii) se as videoaulas levavam em consideração os diferentes níveis de monitoração estilística para as explicações fornecidas; e (iii) quais normas (padrão, curta ou culta) estavam implícitas nas videoaulas. Na discussão sobre estes três primeiros tópicos, as 40 videoaulas foram analisadas em conjunto. Por fim, a fim de atingir o quarto objetivo específico (analisar se existe diferença entre as videoaulas mais visualizadas e as menos visualizadas), fizemos uma comparação entre as videoaulas mais e menos visualizadas, observando o que está descrito em (i), (ii) e (iii).

### **4.1 Distinção entre fala e escrita nas videoaulas**

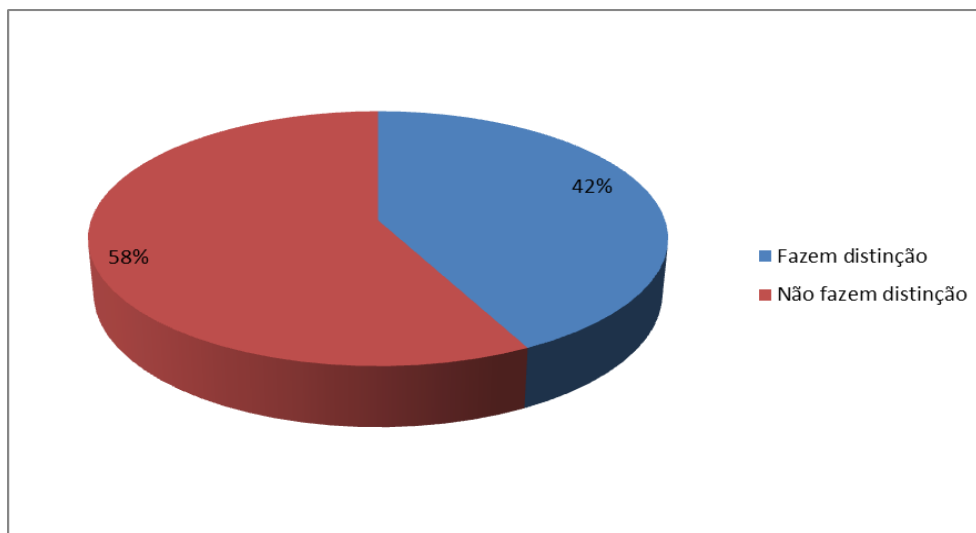
Nesta subseção, será discutido se as videoaulas fazem distinção entre a fala e a escrita. Conforme mostra Vieira (2003), o PB apresenta percentuais diferentes de uso da próclise e da ênclise a depender da modalidade empregada. Desta forma, no

---

<sup>10</sup> Por uma questão de limitação de espaço, não apresentamos aqui a lista dos 40 vídeos analisados. Tal lista é apresentada em Autora 1 (2019).

contexto de uma exposição didática sobre a colocação pronominal, como o das videoaulas, é importante a menção a esta questão, uma vez que ela é fundamental na caracterização do fenômeno. Vejamos, a seguir, o Gráfico 1, o qual mostra a porcentagem dos vídeos que fazem distinção entre a fala a escrita e dos que não mencionam tal distinção.

**Gráfico 1** – Distinção entre fala e escrita



**Fonte:** Adaptado de Autora 1 (2019, p.33)

Como é possível observar no Gráfico 1, predominam as videoaulas em que a distinção entre a fala e a escrita não é levada em consideração. Traremos abaixo excertos da transcrição das videoaulas n° 1 e 20, como exemplos de videoaulas que fazem a distinção entre a fala e a escrita.

Excerto da videoaula n° 1

*“As pessoas costumam falar utilizando próclise, certo? As pessoas no dia a dia quando estão conversando falam: ‘me faz um favor’, ‘me ajuda aí’. Este pronome oblíquo antes do verbo na fala funciona de qualquer maneira, agora temos um problema quando for escrever”.*

Excerto da videoaula n° 20

*“Por que aqui a ênclise é obrigatória? ‘Enviei-lhe uma mensagem’ aqui é obrigatória porque eu não posso falar ‘lhe enviei uma mensagem’ quer dizer, falar pode, o que você não pode é escrever”.*

Os excertos das videoaulas n° 1 e 20 mostram que há diferenças no uso da colocação pronominal dependendo da modalidade empregada, em conformidade com o que descreve Vieira (2003). Obviamente, os excertos apresentam uma versão reducionista dos fatos linguísticos, segundo a qual a próclise é aceita na fala, mas a escrita requer mais cuidado. Tal visão é reducionista uma vez que, como foi

mencionado na seção 2.3, tanto a fala como a escrita incluem gêneros que correspondem a diferentes níveis de monitoração estilística. O excerto abaixo, da videoaula nº 9, apresenta uma tentativa de associar a modalidade ao nível de monitoração. Apesar do equívoco de restringir a fala à coloquialidade<sup>11</sup>, quanto à escrita, há uma referência ao uso da ênclise em contextos formais. Podemos, é claro, questionar o tom prescritivo com que a ênclise é apresentada.

Excerto da videoaula nº 9

*“Aqui entre nós, ficar fazendo ênclise é chato [...] eu não vou falar ‘empresta-me um lápis’. Não, no uso coloquial da língua, na fala, na linguagem falada é permitido ‘me empresta um lápis’. Mas na hora de escrever no uso formal da língua não pode, não. Tem que usar ênclise”.*

Em síntese, no que diz respeito à abordagem da colocação pronominal em PB, destacamos a importância de se fazer a distinção entre a fala e a escrita, o que não ocorre na maioria dos vídeos analisados. Destacamos, também, a necessidade de se conjugar tal distinção aos níveis de monitoração. Levando isto em consideração, na próxima seção, discorreremos sobre a presença ou ausência da noção de monitoração estilística nas videoaulas.

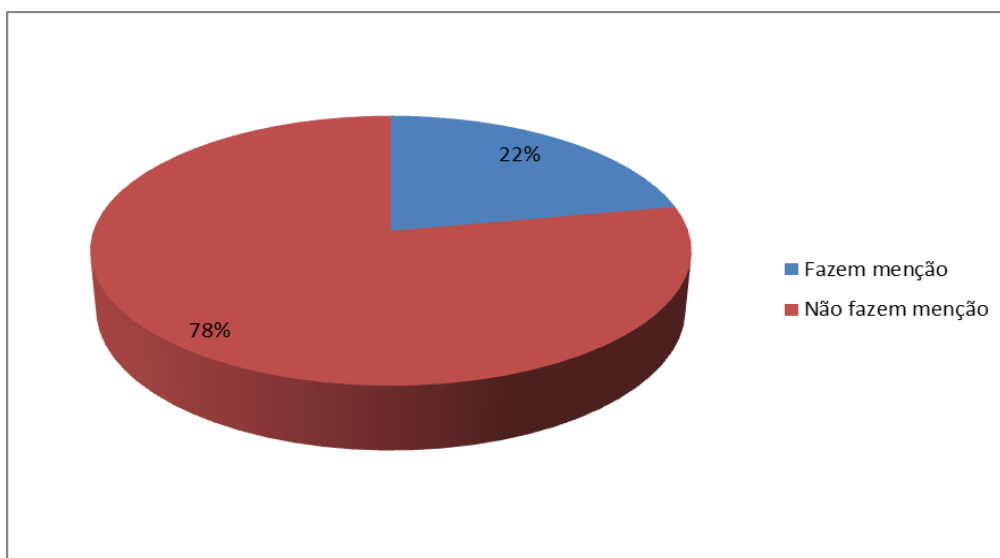
#### 4.2 Menção a diferentes níveis de monitoração estilística nas videoaulas

Nesta seção discutiremos se a noção de monitoração estilística aparece nas videoaulas analisadas. Como mostram Bortoni-Ricardo (2009) e Marcuschi (2010), tanto a fala quanto a escrita variam dependendo do nível de monitoração estilística esperado para determinado gênero textual. Tendo sido mostrado por Vieira (2003) que a colocação pronominal é um fenômeno que se manifesta como variável nas duas modalidades, uma abordagem de tal fenômeno não pode desconsiderar os diferentes empregos esperados a depender do nível de monitoração estilística associado a determinado contexto. O Gráfico 2 traz os resultados referentes à menção a diferentes níveis de monitoração estilística nas videoaulas.

#### **Gráfico 2** – Menção a diferentes níveis de monitoração estilística

---

<sup>11</sup> Bagno (2013) aponta os sete erros de livros didáticos no que diz respeito à variação linguística. Durante a discussão do erro de nº 5 (“a escrita como ideal”), o autor afirma: “A oposição culto/padrão *vs.* coloquial/oral leva a crer, enganosamente, que não existe uma variedade culta informal escrita nem uma variedade culta formal falada, o que é uma rematada inverdade” (BAGNO, 2013, p.90).



**Fonte:** Adaptado de Autora 1 (2019, p.35)

Como mostra o Gráfico 2, apenas pouco mais de uma quinta parte das videoaulas consideram os diferentes níveis de monitoração estilística ao abordarem a colocação pronominal. Vejamos a seguir transcrições das videoaulas nº 15 e 31. Os excertos abaixo mostram exemplos de videoaulas em que a noção de monitoração estilística aparece.

Excerto da videoaula nº 15

*“O que determina que este pronome fique após o verbo? Fique colocado nesta posição posposto ao verbo? Início de período, jamais se começa um período de acordo com a norma culta, não esqueçam disso que é a parte mais importante, o que determina isso é a norma culta, na coloquial nós fazemos isso, mas jamais se inicia um período com pronome oblíquo. ‘Responda-me, por favor’, o pronome colocado aqui após o verbo, nós no coloquial diríamos ‘me responda, por favor’. Não poderíamos colocar isso em um documento, por exemplo, ficaria em desacordo com a norma culta, o que a tia norminha determina, a gente obedece, nessas situações, no coloquial não tem problema nenhum”.*

Excerto da videoaula nº 31

*“‘Me empresta um lápis’ é permitido na informalidade, no uso coloquial da língua”.*

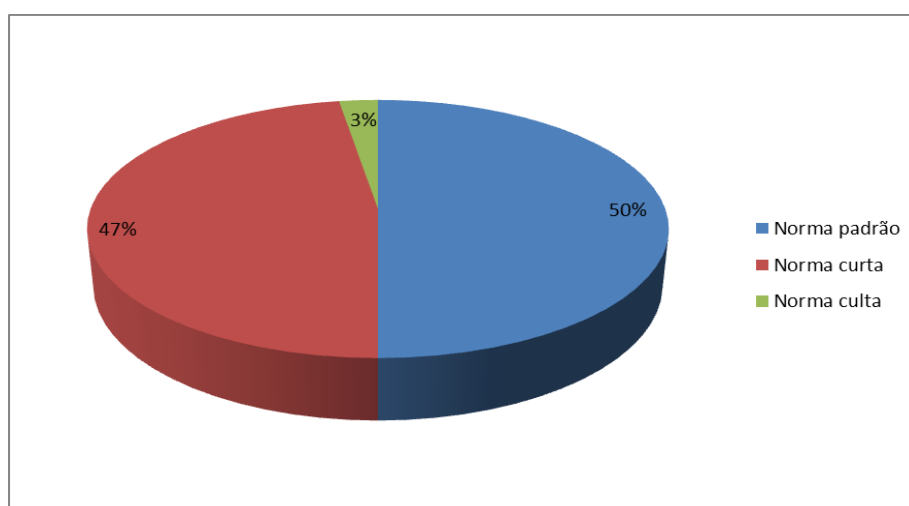
Nos excertos acima, percebemos uma tentativa de se levar em consideração os diferentes níveis de monitoração estilística. Isso fica bastante evidente quando, no excerto da videoaula nº 31, se faz menção à possibilidade de se iniciar sentença com próclise, em um contexto informal. Mais uma vez, faltou a associação entre as diferentes modalidades e os níveis de formalidade, uma vez que, em contextos de fala, mesmo as mais formais, iniciar uma sentença por próclise não nos parece constituir uma estrutura estigmatizada. O mesmo problema se evidencia no excerto da videoaula nº 15: não se leva em consideração que a norma culta não é inflexível e que existem diferenças entre a norma culta falada e a escrita. Embora o exemplo de gênero textual fornecido (um documento) pertença à modalidade escrita, o

trecho não explicita que o que está sendo dito se enquadra mais facilmente (ainda que não tão categoricamente quanto um “jamais” sentença) à norma culta escrita.

### 4.3 Normas implícitas nas videoaulas

Nesta seção, serão discutidos os tipos de normas presentes nas videoaulas. Para uma videoaula ser considerada como sendo orientada implicitamente pela norma padrão, ela teria de expor a colocação pronominal a partir dos padrões de uso do PE, pois, como vimos na seção 2.2, a norma padrão no Brasil foi construída a partir dos modelos do PE. Uma videoaula orientada pela norma curta foi identificada a partir da presença constante de noções como “certo” e “errado” e a partir de prescrições inflexíveis e taxativas quanto ao emprego da colocação pronominal. A presença da norma culta foi identificada nas videoaulas segundo as quais o uso preferencial do falante do PB, quanto aos clíticos, será a próclise, observando-se a ênclise nos contextos formais de escrita. Nas 40 videoaulas observadas, foi possível analisar as normas implícitas, como mostra o Gráfico 3.

**Gráfico 3** – Normas implícitas nas videoaulas



**Fonte:** Adaptado de Autora 1 (2019, p.36)

Conforme o Gráfico 3, há uma distribuição equilibrada entre a norma padrão e a norma curta (ainda que com um predomínio da primeira) e uma presença bastante reduzida da norma culta. Para exemplificar a presença implícita da norma padrão, trazemos um excerto da videoaula n° 22.

Excerto da videoaula n° 22

*“Vamos à definição, pronome antes do verbo requer palavras atrativas. 90% da próclise apresentará o quê? É... palavras atrativas, palavras negativas, os advérbios, pronomes indefinidos, pronomes relativos, tá bom? Vejamos aqui: ‘que’, ‘quem’, ‘onde’, ‘qual’, ‘quando’, vou passar agora as principais palavras atrativas que aparecem: ‘quando’, ‘sempre’, ‘não’, ‘nunca’, ‘talvez’, ‘já’, ‘agora’, ‘ontem’, ‘hoje’, ‘amanhã’, ‘depois’,*

*‘aqui’, ‘ali’, ‘lá’, ‘quando’, ‘tudo’, ‘nada’, ‘ninguém’, ‘qualquer’, ‘alguém’, ‘este’, ‘esse’, ‘aquele’, e também a palavra ‘Deus’. Vamos recapitular [...] estas aqui são as principais palavras que aparecem mais em provas, em questões, caso você gravando cada uma delas vai ajudá-lo bastante, então estas palavras vão atrair o pronome oblíquo para perto de si, como assim? Elas vão puxar o pronome, o pronome oblíquo ficarão ao lado dele, os, os pronomes oblíquos, desculpem, ficarão ao lado dela, dela, de quem? Da palavra atrativa”.*

O excerto da videoaula nº 22 revela uma videoaula com presença da norma padrão, mostrando apenas as regras gramaticais sem estigmatizar o falante, uma vez que não apresenta os advérbios “não”, “nunca”, “jamais” para se referir às estruturas linguísticas, nem sentenças negativas como “não pode”, “é errado”, “é feio”, “dói no ouvido”.

No que se refere à norma curta, trazemos excertos das videoaulas nº 10 e 23, nas quais tal norma se manifesta.

Excerto do vídeo aula nº 10

*“Vocês vão aprender a falar bonito”.*

Excerto da videoaula nº 23

*“Vamos falar de forma correta, é importante ter uma forma polida de falar inclusive com nossos familiares, com nossos amigos, temos o hábito de falar de forma viciosa, vamos repensar estas situações para nós nos ajustarmos”.*

Nestes dois excertos, observamos os conceitos os quais os professores destas videoaulas trazem a respeito da língua. No excerto da videoaula nº 10, há uma oposição tácita entre “falar bonito” e “falar feio”. Na segunda categoria, estariam as construções que não se encaixam nas regras prescritas pela norma curta. No excerto nº 23, a professora usa o termo “forma polida”, revelando uma concepção de língua que nunca sofre variação linguística, uma língua inalcançável, abstrata, homogênea, que, portanto, deve ser a mesma em todas as situações, para que se evitem “vícios de linguagem”. A norma curta, como evidenciam estes dois excertos, é inflexível, sendo categórica no que se estabeleceu como o certo e o errado.

Como mostra o Gráfico 3, entre as videoaulas observadas, apenas 2,5% se norteiam pela norma culta. Abaixo há um excerto da transcrição da videoaula nº 39, que é norтеada por tal norma.

Excerto da videoaula nº 39

*“É pouco usado na língua portuguesa, alguns casos se usa mesóclise, às vezes até algumas pessoas acabam usando isso, mas é para mostrar um conhecimento de língua e isso não denota muita coisa, sempre que você usa a mesóclise, você praticamente quer confundir a pessoa que está te ouvindo, porque é muito difícil isso acontecer dentro da língua portuguesa. É mais difícil a gente usar a ênclise, usar o pronome depois do verbo, o português brasileiro praticamente sempre vai usar a próclise. Na fala você sempre usa*

*próclise, então, a ênclise é mais fraca, dificilmente a gente usa. No português brasileiro nós usamos muito mais a próclise, eu sempre falo ‘te amo,’ não falo ‘amo-te,’ a próclise acaba sendo mais recorrente”.*

Observamos que, na transcrição da videoaula acima, está presente a abordagem “sociolinguística inovadora” (VIEIRA, 2009), pois ela traz informações de que no uso no PB a próclise é a mais utilizada pelos falantes, e, em relação à mesóclise, nos mostra que ela é importante ser apresentada em nível de conhecimento (até porque ela pode ser usada intencionalmente para que fiquemos confusos e não compreendamos o que está sendo dito) e que quase não é utilizada na fala.

Para finalizar a discussão sobre as normas implícitas nas videoaulas, cabe uma observação sobre a presença do que chamamos neste trabalho de uma norma padrão mais flexível. Logo abaixo, trazemos a transcrição de um excerto da videoaula nº 4, para uma melhor compreensão da presença desta norma padrão flexível encontrada em algumas videoaulas.

Excerto da videoaula nº 4

*“Mesóclise é quando o pronome está posicionado no meio do verbo, é um caso raríssimo no português brasileiro, nós não usamos isso em linguagem oral, muito menos na escrita, é um caso muito circunscrito ao âmbito literário ou comunicações em nível mais erudito em Portugal ou em países de língua portuguesa que ainda têm raízes muito fortes com a língua do colonizador”.*

No excerto acima, observamos que o professor aborda de uma forma flexível as prescrições da norma padrão, pois ele ensina, em outro momento da videoaula, o uso da colocação pronominal de acordo com a norma padrão, apresentando as regras para o uso da mesóclise, ao mesmo tempo em que informa que se trata de uma construção muito pouco frequente. Encontramos na nossa análise muitas videoaulas com a presença desta flexibilidade. Vejamos abaixo outro exemplo, extraído da videoaula nº 19.

Excerto da videoaula nº 19

*“...no português do Brasil a próclise é uso recorrente. Na verdade, mesmo não havendo atrativo, o uso da próclise pode ocorrer sem que se cometa erro. Basta apenas não iniciar a frase com verbo: ‘a história nos conta que a verdade não é absoluta’. E se eu quiser fazer uso da ênclise eu posso? Claro, não há problema! Olha, neste caso, o pronome poderia vir após o verbo (enclítico), veja: ‘a história conta-nos que a verdade não é absoluta”.*

Nas videoaulas analisadas, notamos que muitas vezes existe mais de uma norma implícita, porém sempre ocorre um predomínio de uma norma sobre a(s) outra(s). A norma implícita que predomina na videoaula nº 4, por exemplo, é a norma padrão, mesmo tratando a mesóclise mais flexivelmente. Conforme a

videoaula nº 19, a colocação pronominal preferível, segundo o professor, é a próclise, menos quando se tratar de início de oração<sup>12</sup>. Neste contexto, deve-se, de acordo com o professor, usar ênclise. Predomina, portanto, nesta videoaula uma norma padrão, porém mais flexível, assim como foi encontrado em outros vídeos observados.

#### 4.4 Comparação das videoaulas mais e menos visualizadas

Como foi mencionado anteriormente, González (2015) apresenta a análise de livros didáticos mais adotados e menos adotados em sala de aula e suas diferenças no tratamento da variação linguística. Em função das exigências do Plano Nacional do Livro Didático, todos os livros analisados pelo autor abordam a variação linguística, porém os mais adotados fazem isso em menos capítulos, enquanto, nos menos adotados, a variação linguística aparece mais e é tratada de uma forma contextualizada e flexível. Levando isso em consideração, fizemos, neste trabalho, uma comparação entre as videoaulas mais e menos visualizadas.

Na Tabela 1, mostramos como aparece a distinção entre a fala e a escrita nas videoaulas mais e menos visualizadas.

**Tabela 1** – Distinção entre fala e escrita nas videoaulas mais e menos visualizadas

	Videoaulas mais visualizadas	Videoaulas menos visualizadas
Fazem distinção	30%	50%
Não fazem distinção	70%	50%

**Fonte:** Adaptado de Autora 1 (2019, p.41)

Percebemos que, na Tabela 1, a distinção entre fala e escrita nas videoaulas aparece da seguinte maneira: nas mais visualizadas a frequência da distinção é de 30%, enquanto nas menos visualizadas esta frequência é de 50%. Compreendemos assim que, quanto à distinção entre fala e escrita, há um predomínio de videoaulas que não fazem tal distinção entre as mais visualizadas.

A Tabela 2 apresenta a frequência com que é feita menção a diferentes níveis de monitoração estilística nas videoaulas mais e menos visualizadas.

<sup>12</sup> É interessante observar que, segundo Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), o contexto de início de oração era o único em que a ênclise era obrigatória em português clássico, período que, segundo as autoras recém mencionadas, se estende até os primeiros anos do século XVIII. A partir deste momento, a frequência da próclise se reduz e os contextos que, até então, eram de variação, passam a ser de ênclise obrigatória em PE.

**Tabela 2** – Menção a diferentes níveis de monitoração estilística nas videoaulas mais e menos visualizadas

	Videoaulas mais visualizadas	Videoaulas menos visualizadas
Fazem menção	30%	20%
Não fazem menção	70%	80%

**Fonte:** Adaptado de Autora 1 (2019, p.41)

Na Tabela 2, observamos que não houve uma grande diferença quanto à presença da questão do nível de monitoração nas videoaulas mais visualizadas e menos visualizadas. Em ambas as categorias, há um predomínio de videoaulas que não levam em consideração o nível de monitoração.

Na Tabela 3, seguem os resultados referentes às normas implícitas nas videoaulas.

**Tabela 3** – Normas implícitas nas videoaulas mais e menos visualizadas

	Videoaulas mais visualizadas	Videoaulas menos visualizadas
Norma padrão	40%	65%
Norma Curta	60%	30%
Norma Culta	0	5%

**Fonte:** Adaptado de Autora 1 (2019, p.41)

Na Tabela 3, vemos as normas implícitas encontradas nas videoaulas. Quanto às videoaulas mais visualizadas, a frequência da norma curta é de 60%, logo após vem a norma padrão com 40%. A norma culta não aparece entre as videoaulas mais visualizadas. No que se refere às videoaulas menos visualizadas, a norma padrão aparece em 65% dos vídeos, logo após vem a norma curta com 30% de ocorrência, já a norma culta se faz presente em 5% dos vídeos.

Os resultados revelam que há um predomínio da norma curta nas videoaulas mais visualizadas, a qual cultiva a cultura do “certo e errado”, não levando em conta o contexto social em que os sujeitos estão inseridos, enquanto nas aulas menos visualizadas o predomínio é da norma padrão. Embora a frequência da norma culta seja pequena, ela aparece com 5% nas videoaulas menos visualizadas,

o que revela que, mesmo sendo muito baixa sua frequência, ela está presente nestas videoaulas.

Podemos levantar a hipótese de que a maior procura por videoaulas mais “tradicionais” ocorre pelo fato de os sujeitos possuírem uma ideia mal concebida de que apenas conseguirão falar o “bom português” utilizando regras gramaticais normativas. Trata-se de um equívoco arraigado através dos séculos, que desconsidera a condição inerente a todas as línguas que é a presença da variação linguística.

## 5 Considerações finais

Através dos resultados obtidos, quanto ao primeiro objetivo específico (examinar se as videoaulas abordam a colocação pronominal fazendo uma diferença entre a fala e a escrita), foi possível perceber que há um predomínio de videoaulas que não fazem tal distinção. Com relação ao segundo objetivo específico (observar se o material analisado leva em consideração os diferentes níveis de monitoração estilística), percebeu-se que mais de três quartos das videoaulas não levam em consideração essa questão. No que diz respeito ao terceiro objetivo específico (verificar os conceitos de norma que estão implícitos nas videoaulas), observamos que há um predomínio da norma padrão, seguida da norma curta. Ainda que em pequena porcentagem, a norma culta está presente nas videoaulas.

Quanto ao quarto objetivo específico (analisar se existe diferença entre as videoaulas mais visualizadas e as menos visualizadas), no que se refere à distinção entre fala e escrita, observou-se que existe um predomínio de videoaulas que não fazem tal distinção entre as mais visualizadas, enquanto isso não ocorre entre as menos visualizadas. Sobre a questão da menção ao nível de monitoração, não houve uma diferença no que se refere às videoaulas mais e menos visualizadas. No que diz respeito às normas implícitas, entre as mais visualizadas, há um predomínio da norma curta, já, entre as menos visualizadas, predomina a norma padrão.

As videoaulas mais visualizadas, assim como os livros didáticos mais adotados (GONZÁLEZ, 2015), abordam a variação de uma forma mais tradicional, em conformidade com a hipótese anteriormente levantada. Nas videoaulas, isso fica evidente por uma baixa frequência de vídeos que fazem a distinção entre a fala e a escrita e por um predomínio da norma curta e ausência da norma culta. Em contrapartida as videoaulas menos visualizadas, assim como os livros didáticos menos adotados, apresentam um tratamento mais adequado à variação linguística, o que também vai ao encontro da hipótese explicitada anteriormente. Isso pode ser constatado por um equilíbrio entre os vídeos que fazem distinção entre a fala e a

escrita e os que não fazem tal distinção e por um não predomínio da norma curta e presença, ainda que reduzida, da norma culta.

Para finalizar, destacamos que esta pesquisa amplia a gama de recursos didáticos passíveis de análise e discussão. Esperamos ter mostrado a relevância de tal ampliação, de maneira que sirva de incentivo para que outras pesquisas desta natureza sejam realizadas. Destacamos, mais uma vez, a importância da análise deste tipo de material, uma vez que se trata de um recurso facilmente acessível para alunos e professores. Nesse sentido, é essencial que se discuta sua qualidade e se apontem caminhos para o seu aprimoramento.

## Referências

- BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2010.
- BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2009.
- CARNEIRO, Z.; GALVES, C. Variação e gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 18, n. 2, p. 7-38, 2010. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2547>. Acesso em: 17 out. 2019.
- CYRANKA, L. F. M. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI, C. J. **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 167-176.
- ECKERT, P. **Variation, convention, and social meaning**. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan 7, 2005.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, C. A. **História do Português**. São Paulo: Parábola, 2019.
- GALVES, C.; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, n. 4, p. 39-67, 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/251787797\\_The\\_Change\\_in\\_Clitic\\_Placement\\_from\\_Classical\\_to\\_Modern\\_European\\_Portuguese\\_Results\\_from\\_the\\_Tycho\\_Brahe\\_Corpus](https://www.researchgate.net/publication/251787797_The_Change_in_Clitic_Placement_from_Classical_to_Modern_European_Portuguese_Results_from_the_Tycho_Brahe_Corpus). Acesso em: 17 out. 2019.
- GALVES, C.; MORAES, M. A. T.; RIBEIRO, I. Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, n. 4, p. 143-177, 2005.
- GONZÁLEZ, C. A. Variação linguística em livros didáticos para o EM. In: ZILLES, A. M.S.; FARACO, C. A. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 225-245.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LOPES, L. C.; SIMIONI, T.; SOUZA, A. A Variação Linguística e a Colocação Pronominal nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10, 2018. Santana D' Livramento. **Anais [...]**. Bagé: UNIPAMPA, 2018. v. 1. p. 1-5.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- MARTINS, A. M. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. C. (Eds.). **Manual de linguística portuguesa**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016. p. 401-430.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para Compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NUNES, C. da S. Estudo diacrônico da colocação pronominal em complexos verbais na escrita do PB e do PE (séculos XIX e XX). **LaborHistórico**, v. 1, n. 2, p. 148-166, 2015.

NUNES, C. da S.; VIEIRA, S. R. A colocação pronominal em complexos verbais na escrita de jornais brasileiros e europeus nos séculos XIX e XX. **Working Papers em Linguística**, v. 13, n. 2, p. 85-99, 2013.

RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. Introduction. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (eds.) *Style and sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2001. p. 1-18.

VIEIRA, S. R. Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português. In: BRANDÃO, F. S.; MOTA, M. A (orgs.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 37-57.

VIEIRA, S. R. Colocação pronominal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. R (orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2009. p. 121-146.

# Analysis of the approach to variation in pronominal placement in YouTube video classes

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicity:**

Thematic issue

**Volume 5**

**Number 2**

**Received in:** 04/03/2020

**Approved in:** 30/06/2020

## **Abstract:**

The present work, based on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), aims to analyze how the variation of the pronominal placement in video classes on YouTube is presented. 40 video classes were analyzed. The results show that, in most cases, video classes do not distinguish between speech and writing and do not mention different levels of monitoring. In addition, as implicit norms, there is a balance between standard and short norms (FARACO, 2008). With regard to a comparison between the most and least viewed video classes, they differ in terms of the distinction between speech and writing (while among those there is a predominance of video classes that do not make such a distinction, between these there is a balance between the video classes that do and those that do not distinguish between speech and writing) and the implicit norms (among those, the short norm prevails; among these, the standard norm predominates).

## **Keyword:**

Linguistic variation; Variationist Sociolinguistics; pronominal placement; YouTube